



## REGIONALIZAR É RACIOCINAR GEOGRAFICAMENTE? UMA ANÁLISE DO EXERCÍCIO DE REGIONALIZAÇÃO NO ENSINO DE GEOGRAFIA <sup>1</sup>

### INTRODUÇÃO

O estudo apresentado neste resumo compõe parte de uma pesquisa de Doutorado, na qual pretende-se responder à seguinte questão: Em que medida a metodologia de regionalização, enquanto exercício didático, favorece o desenvolvimento do raciocínio geográfico? Para responder essa pergunta, optou-se, entre outros métodos e ferramentas, pela realização de uma pesquisa-ação. Esse viés investigativo permitiu uma maior interação entre pesquisador e os sujeitos: estudantes do 8º ano dos anos finais do Ensino Fundamental.

A escolha pelo 8º ano justifica-se pelo fato de que essa etapa de ensino lida com habilidades e objetos de estudo que permitem um maior trânsito entre escalas. Dito de outra forma: o 8º ano, comparado aos anos anteriores, desenvolve temas que lidam com diferentes dimensões espaciais da realidade global. Além disso, os três principais modelos de regionalização do espaço mundial que aparecem nas matrizes curriculares tradicionais<sup>2</sup> no 8º ano estão desatualizados e não conseguem explicar a atual dinâmica do espaço geográfico. Os modelos “Norte X Sul”, “Centro X Periferia” e “1º, 2º e 3º mundo” são, na maior parte das vezes, apresentados com uma caracterização e descrição historiográfica rasa. Isso ocorre, entre outras coisas, porque nem sempre os educandos são estimulados a pensar na lógica que precedeu a construção dos modelos de regionalização. O problema não está em ensinar modelos desatualizados e sim em se esquecer de ensinar que esses modelos são resultado de uma análise acurada e de procedimentos que organizam os componentes e atributos do espaço geográfico. Esse “esquecimento” dificulta um trabalho docente que estimule o desenvolvimento do raciocínio geográfico.

Em função dessa consideração, reforça-se a necessidade de ir além da descrição e caracterização de fatos e fenômenos, sendo mister superar o conhecimento fragmentado sobre o espaço (ROQUE ASCENÇÃO; VALADÃO, 2014). Nesse sentido, a nova Base Nacional

---

<sup>1</sup> O presente trabalho foi realizado com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de financiamento 001.

<sup>2</sup> Destaca-se que a pesquisa de Doutorado analisou os livros didáticos do 8º ano atualizados de acordo com a BNCC (Base Nacional Comum Curricular) e que, embora a base sinalize a possibilidade de grandes mudanças no ensino de Geografia na Educação Básica, os livros didáticos e as matrizes das escolas não necessariamente caminharam no sentido dessas mudanças.

Comum Curricular (BNCC) pode ser vista como uma alternativa ao entender a Geografia como componente importante para o desenvolvimento de um sujeito crítico da realidade. O documento propõe o uso de metodologias que convergem com ideias mais contemporâneas acerca do objeto de estudo da Geografia, uma vez que nele é dada uma ênfase ao pensamento espacial e ao raciocínio geográfico. Interpretando o texto da BNCC, entende-se que o pensamento espacial esteja relacionado à localização e orientação espacial. Enquanto isso, o raciocínio geográfico

“[...] aplica determinados princípios para compreender aspectos fundamentais da realidade: a localização e a distribuição dos fatos e fenômenos na superfície terrestre, o ordenamento territorial, as conexões existentes entre componentes físico-naturais e as ações antrópicas” (BRASIL, 2017, p.247)

Nessa perspectiva, o pressuposto básico desta pesquisa é a ideia de que é possível construir práticas por meio das quais o educando compreende os elementos e atributos que agem no espaço, permitindo a diferenciação desse espaço em relação ao seu entorno. Tendo esse pressuposto como norte, objetivou-se investigar o potencial didático do exercício de regionalização para o desenvolvimento do raciocínio geográfico.

Para seguir esse objetivo central, foram desenvolvidas atividades que permitiram um primeiro diagnóstico sobre as percepções dos estudantes sobre a organização do espaço por meio do exercício de regionalização. Apresenta-se, neste trabalho, os resultados e conclusões advindos da aplicação dessas atividades, que foram entendidas como um instrumento de pesquisa preliminar.

## **METODOLOGIA**

A pesquisa foi organizada por meio da execução das seguintes tarefas: 1) Revisão bibliográfica acerca dos estudos envolvendo o conceito de região e regionalização; 2) Revisão bibliográfica acerca dos estudos sobre Ensino de Geografia, com destaque para o raciocínio geográfico; 3) Pesquisa, e leitura, dos parâmetros curriculares nacionais, com destaque para a nova BNCC (Base Nacional Comum Curricular); 4) Análise das abordagens recorrentes do processo de região e regionalização na educação básica tendo como referência o LD (livro didático); 4) Identificação dos princípios e operações mentais concernentes ao exercício de regionalização como resultado de um amálgama entre a análise da episteme da Geografia com a Teoria de Bloom.; e 5) Criação de ferramentas didático-pedagógicas aplicadas aos sujeitos de pesquisa (educandos da educação básica).



A situação de ensino a que a última tarefa se refere permitirá que a pesquisa caminhe para a fase de testagem da hipótese inicial: a de que o exercício de regionalização mobiliza operações mentais e princípios caros ao desenvolvimento do raciocínio geográfico.

## RESULTADOS E DISCUSSÕES

O instrumento de pesquisa apresentado foi entendido como um pré-teste. Ou seja, ele foi aplicado para que o instrumento central que dará corpo ao trabalho fosse melhor desenvolvido e analisado.

Em função do formato escolhido para aplicação do instrumento de pesquisa, uma atividade contínua desenvolvida por meio da ideia de percurso<sup>3</sup>, chamou-se de projeto (um termo de uso mais genérico no ambiente escolar). O projeto recebeu o nome “Território insular: escalas e dinâmicas”. Por meio do projeto, que não focou inicialmente no exercício de regionalização, foi possível perceber como os estudantes operam com algumas categorias analíticas e como se organizam para dar respostas a problemas elaborados segundo critérios científicos. Além disso, estimulou-se o uso de diversas linguagens para que o olhar sobre a representação (um dos princípios aqui elencados) fugisse dos esquemas clássicos da cartografia tradicional.

O ponto de partida para o desenvolvimento do projeto foi a seguinte pergunta: “O que confere status político, internacionalmente reconhecido, a uma ilha?”. Essa pergunta foi feita depois que os alunos assistiram, como uma tarefa fora da aula, ao filme “A incrível história da ilha das rosas”, que conta o caso real de um italiano que decidiu, na década de 1960, criar uma plataforma em águas internacionais e transformar essa plataforma em um Estado soberano. Depois das discussões levantadas pela questão inicial, que foram fomentadas pela história do filme, os alunos receberam a primeira tarefa do percurso: criar uma ilha hipotética. Toda tarefa vinha acompanhada com uma pergunta norteadora e passos operacionais (ações que todos os grupos precisavam desempenhar). Eles não souberam previamente todas as tarefas que iriam receber ao longo do percurso. Mas já sabiam que ao final teriam que provar que a ilha que

---

<sup>3</sup> Pega-se emprestado a ideia de Gomes (2017) de apresentar uma estrutura de pensamento por meio da ideia de percurso. Ao explicar, por exemplo, o conceito de quadro geográfico, podem vir à mente novas conexões entre os fenômenos para aqueles que os estudam diretamente. O percurso organiza essas conexões.



“criaram”, e administraram, era um Estado soberano. Eles deveriam, portanto, responder à pergunta inicial. O percurso do projeto pode ser representado por meio do esquema abaixo

Figura 1 - Sequência didática – instrumento de pesquisa pré-teste

## Sequência didática baseada na ideia de percurso (Gomes, 2017)

**Situação geográfica:** a inserção dos territórios insulares nas dinâmicas espaciais globais.

**Pergunta geográfica:** O que confere status político, internacionalmente reconhecido, a uma ilha?

Onde a ilha se localiza no espaço mundial?	Como a população se distribui na ilha e qual a melhor forma de <b>representar</b> essa distribuição?	De que maneira a ilha se organiza para receber refugiados obedecendo normas e legislações internacionais	Qual a posição da ilha na Divisão Internacional do Trabalho?
Estação 1	Estação 2	Estação 3	Estação 4

Elaborado pela autora.

A terceira tarefa foi a mais importante, dada a temática deste trabalho. Foi a única que trouxe, no seu núcleo, um exercício similar ao exercício de regionalização. Ela envolveu a apresentação inicial de uma situação real: a ida compulsória de cerca de 5000 refugiados rohingyas de Bangladesh para a ilha Bhashan Char, pertencente ao mesmo país. A tarefa envolveu um problema que adquiriu contornos diferenciados dependendo do grupo. Já que as ilhas tinham diferentes quantitativos populacionais, as respostas para o problema que colocado também foram diferenciadas. Todas as ilhas receberiam cerca de 1000 refugiados da etnia rohingyas. Mas todas poderiam se preparar para tal e planejar, junto com a Acnur (Alto-comissariado das Nações Unidas para os Refugiados)<sup>4</sup> a construção de um campo de refugiados para receber a população. A tarefa foi: organizar os espaços agrupando-os de acordo com as funções que eles desempenham.

<sup>4</sup> Antes de fazer esta proposição, já havia sido desenvolvido junto à turma a ideia de campo de refugiados e a espontaneidade a ele relacionado. Estes campos normalmente surgem sem planejamento prévio, quando já uma situação migratória posta. O que a ONU, por meio da ACNUR, pode fazer é organizar o espaço para ele forneça as condições para manutenção da dignidade humana.

Além de representarem a organização espacial por meio de imagens unidimensionais, os grupos registraram as estratégias que utilizaram para fazer o agrupamento solicitado na tarefa. Por meio da análise de um conjunto de verbos de ação fornecidos após a atividade (o amálgama da Teoria de Bloom e os princípios do raciocínio geográfico), as operações mentais mais citadas pelos estudantes foram: ordenar, classificar e generalizar. Essas operações mentais podem ser melhor investigadas enquanto componentes de um conjunto de ações que estimula o desenvolvimento do raciocínio geográfico.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na análise dos processos que envolveram a atividade didática, percebeu-se um engajamento por parte dos estudantes. Este engajamento sinaliza um caminho fértil que ainda pode ser muito explorado, e aperfeiçoado nesta e em outras pesquisas. Os resultados, atividades realizadas por meio de diversas linguagens, revelaram o potencial do uso de ações didáticas que têm como norte a mobilização de operações mentais inerentes ao fazer e pensar científico. O raciocínio geográfico, como parte do fazer científico da Geografia, foi um dos objetivos da proposta de ensino. Como não é um produto, em sim uma forma autônoma e original de estruturar o pensamento, conclui-se que o raciocínio geográfico pode ser estimulado por meio de operações mentais que envolvem o exercício de regionalização.

## REFERÊNCIAS

BRASIL, Ministério da Educação. Brasília: **Base Nacional Comum Curricular, 2017**. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br>. Acesso em 22 de março de 2017.

GOMES, Paulo Cezar da Costa. **Quadros geográficos: uma forma de ver, uma forma de pensar**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2017.

ROQUE ASCENÇÃO, V. de O.; VALADÃO, R. C. **Professor de Geografia: entre o estudo do conteúdo e a interpretação da espacialidade do fenômeno**. Scripta Nova: Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales, v.18, n.496(3), p.1-14, dic. 2014. <https://revistes.ub.edu/index.php/ScriptaNova/article/view/14965>.

TRIPP, David. **Pesquisa-ação: uma introdução metodológica**. Tradução de Lólio Lourenço de Oliveira. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 443-466, set.-dez. 2005.